



Número 04 | Junho de 2018

Combater o tráfico de heroína na costa da África Oriental

Simone Haysom, Peter Gastrow e Mark Shaw

Resumo

Nos últimos anos, o volume de heroína transportado do Afeganistão através de uma rede de rotas marítimas na África Oriental e Austral tem vindo a aumentar consideravelmente. Desenvolveu-se um mercado ilícito regional integrado, que forma e é formado por desenvolvimentos políticos. O continente africano tem vindo a observar o maior aumento do consumo de heroína do mundo inteiro, com um vasto espectro de redes criminosas e elites políticas na África Oriental e Austral substancialmente envolvidas no comércio. Existe uma necessidade premente de novas abordagens políticas.

Pontos principais

- As respostas devem enfrentar o desafio como um sistema criminoso transfronteiriço.
- A ação progressiva deve ser direcionada para os grandes centros de drogas ao longo da rota sul, com foco nas áreas vulneráveis e fontes potenciais de instabilidade regional, como o norte de Moçambique.
- A relação entre política, negócios e crime organizado tem de ser devidamente analisada e abordada.
- Os intervenientes do sector privado que tenham sido escrutinados devem ser envolvidos para prevenir ou reverter a criminalização dos principais portos.
- Deve ser aumentado o apoio a iniciativas das comunidades para mitigar os efeitos do consumo de drogas.
- Deve considerar-se a programação de intervenções com o objetivo de diminuir a violência nas comunidades mais vulneráveis afetadas pelo tráfico de heroína na África Austral e Oriental.

Este resumo
centra-se em:



Desde 2010, foram efetuadas várias apreensões de heroína pela Força Marítima Combinada – uma parceria naval entre 32 estados-membros que conduz operações de segurança marítima com o objetivo de combater o terrorismo e o tráfico de narcóticos – o que veio confirmar que a costa da África Oriental se tornou num elo geográfico importante para o tráfico global de heroína.¹

A heroína tem vindo a ser transportada do Afeganistão para a costa da África Oriental ao longo de uma rota marítima conhecida por “rota do sul”. Na realidade, trata-se de uma rede de rotas que se estendem ao longo da África Oriental e Austral, com remessas de drogas a dirigirem-se para países da Ásia, de África, da Europa e, até certo ponto, da América do Norte. A rota do sul ganhou popularidade nos anos recentes porque a rota de tráfico de narcóticos por terra para a Europa Ocidental através dos Balcãs se tem vindo a tornar cada vez mais difícil para os traficantes, devido a conflitos e ao aumento da vigilância policial.² Tal facto desviou alguns fluxos de drogas ilegais para o Oceano Índico e para a costa oriental de África.

Apesar de os traficantes que utilizam a rota do sul terem os seus próprios desafios, como a pirataria ao largo da costa da Somália e as operações antidrogas da Força Marítima Combinada, o volume de comércio ao longo desta rota parece ter vindo a aumentar. Estimativas anteriores sugeriam que eram traficadas entre 22 e 40 toneladas de heroína por ano através da África Oriental.³ No entanto, embora os volumes reais não possam ser estimados com certeza, os nossos estudos indicam que o número pode agora ser maior.

Instituições multilaterais e doadores do norte têm tendido a focar-se na forma como a heroína que passa pela rota do sul entra nos mercados europeus.⁴ No entanto, esta perspetiva é propensa a minimizar ou mesmo ignorar o impacto do comércio de heroína nos países de trânsito em África. Em vez disso, a nossa investigação centrou-se na economia política da rota do sul. Observámos mais de perto as características dos fluxos de heroína na região e a forma como o comércio de narcóticos se incorporou nas sociedades do Quênia, da Tanzânia, de Moçambique e da África do Sul.

Este estudo é a culminação de quatro meses de investigação qualitativa baseada em mais de 240 entrevistas efetuadas em sete países, cujas conclusões foram compiladas num documento de investigação do ENACT.⁵ Este resumo inclui esta análise e realça várias conclusões relacionadas com a mesma.

A rota do sul e a gestão da atividade criminosa ao longo da costa oriental de África

Em países ao longo da costa oriental de África, desde a Somália até à África do Sul, o tráfico de heroína tem vindo a integrar-se nas comunidades locais, estando ligado às elites políticas. O mercado de heroína da África Oriental deve ser entendido como parte integrante de uma economia ilícita regional baseada no transporte de heroína desde o Afeganistão até ao Ocidente, com um comércio secundário para o consumo local.

O mercado de heroína da África Oriental deve ser entendido como parte integrante de uma economia ilícita regional

Ao longo desta rota de tráfico, muita da heroína começa por ser enviada para África em *dhow*s (veleiros de madeira) marítimos motorizados, construídos nos Emirados Árabes Unidos e concebidos para a pesca. As embarcações são carregadas com remessas de contrabando de 100 kg a 1000 kg provenientes da costa do Macrão, no sul do Paquistão. Os *dhow*s ancoram ao largo da costa de África, em águas internacionais, e flotilhas de pequenos barcos recolhem a heroína, transportando-a para várias praias, baías ou ilhas, ou descarregando-a em pequenos portos comerciais. Dúzias de tais locais são utilizadas para o desembarque de remessas ao longo de toda a costa oriental – do norte de Kismayo, na Somália, até Angoche, em Moçambique. Esta rota é utilizada durante todo o ano, com exceção dos três meses do período das monções.

Embora este tráfico de heroína por *dhow*s já tenha sido identificado há vários anos, significativamente, a investigação atual sugere que os traficantes também utilizaram contentores em vários portos de contentores de águas profundas ao longo da costa. Vários portos caíram sob uma influência criminosa substancial e são utilizados para transbordo de uma grande variedade de outros bens ilícitos, como madeiras e marfim de elefante.

A maior parte da heroína que passa pela costa oriental e austral da África destina-se aos mercados ocidentais, que são muito mais rentáveis que os mercados

africanos.⁶ O tráfico de heroína é um comércio a granel, apesar de as remessas por vezes serem repartidas em porções mais pequenas, com o objetivo de evitar a deteção. No entanto, muita da heroína é transportada em unidades de dezenas ou até mesmo centenas de quilos de uma vez só. Assim, esta economia depende dos portos e autoestradas internacionais e, em menor grau, das vias aéreas. Este comércio também depende de uma proteção política a alto nível, para que as partes envolvidas possam beneficiar do acesso às infraestruturas, como os portos ao longo da rota, que são supostamente importantes para a segurança nacional e deveriam, portanto, ser bem guardados e controlados pelos governos.

Inicialmente, a proteção política assegurada para este comércio parece ter emergido de simples transações entre traficantes de drogas e políticos que exercem o controlo sobre os portos, as alfândegas e as autoridades policiais. Os traficantes de heroína que utilizam esta rota de tráfico necessitam de assegurar a permeabilidade destes portos e certificar-se que os seus bens ilícitos não são apreendidos ou ligados a casos criminais contra eles. Com o passar do tempo, estas transações evoluíram de diversas formas ao longo da costa. No Quênia, os traficantes de drogas decidiram fazer campanha para cargos políticos. Em Moçambique, os traficantes de drogas consolidaram o seu domínio sobre o mercado através de uma relação “quid pro quo” notavelmente resiliente e duradoura com a elite política. Nestes países, os lucros da heroína têm um papel discreto e identificável no financiamento de campanhas e patrocínio de figuras políticas. Entretanto, a Tanzânia está a ser submetida a uma série de reformas, sob o poder do presidente Magufuli, que estão substancialmente a acabar com as relações entre criminosos e políticos no país, havendo sinais de que, em consequência, há figuras criminosas a deslocarem-se para outras partes da região. Na África do Sul, a heroína não foi diretamente ligada a figuras políticas, embora alguns indivíduos proeminentes do comércio de narcóticos em geral o tenham sido.

Ao longo desta rota, no entanto, nem toda a heroína está em trânsito. A África Oriental e Austral tem um mercado de consumo muito mais vasto do que é comumente reconhecido. Este mercado local obtém algumas das suas remessas a partir de “fugas” do comércio em trânsito – através de pagamentos em espécie aos condutores, pescadores, polícia, etc. – e através de roubos em pequena escala das remessas

a granel. No entanto, existem indicações de que os intervenientes mais importantes organizam os seus próprios abastecimentos diretamente do Paquistão ou junto dos chefes do comércio em trânsito. Na África do Sul, em especial, o mercado de consumo da heroína é grande e está em crescimento. Este fenómeno está a ser estimulado por redes locais e internacionais mais organizadas, que criaram um comércio secundário de heroína.

O Relatório Mundial sobre Drogas de 2017 notou que África tem vindo atualmente a sofrer o maior aumento do consumo de heroína a nível global, o que foi atribuído ao papel do continente na rota do sul.⁷ No Quênia, existem quase 55 000 pessoas que injetam heroína (a forma de consumir este narcótico que acarreta mais problemas de saúde), na Tanzânia, mais de 32 000, e na África do Sul, mais de 75 000.⁸ São muito mais elevados os números de indivíduos que fumam heroína, o que, para muitos, conduzirá ao consumo por via injetável. Na maioria destes países, a taxa de VIH entre os indivíduos que injetam drogas é muito superior à do resto da população. Este grupo também apresenta taxas astronómicas de hepatite C.⁹

O Relatório Mundial sobre Drogas de 2017 notou que a África tem vindo atualmente a sofrer o maior aumento do consumo de heroína a nível global

Apesar de uma tendência animadora que observa os direitos dos utilizadores de drogas e seu acesso aos serviços de saúde a serem colocados no centro das abordagens de tratamento de drogas em vários locais, há, no entanto, lacunas em tais intervenções. As taxas de cobertura dos serviços de redução de danos no Quênia e na Tanzânia, por exemplo, ainda são baixas, segundo indicadores da Organização Mundial da Saúde,¹⁰ e nem a África do Sul nem Moçambique oferecem opções de tratamento baseadas em dados concretos, como a terapia de substituição de opioides através do sistema de saúde pública. A nível regional, também existem lacunas na recolha de dados essenciais, ao passo que os enquadramentos jurídicos são punitivos para os consumidores de

drogas, com respostas policiais que são severas para os consumidores e pequenos negociantes, mas ineficazes contra os grandes traficantes.

As cidades com os maiores mercados de consumo de heroína – como Mombasa, Cidade do Cabo e a área metropolitana Joanesburgo-Pretória – também são assoladas por violência associada ao tráfico de drogas. Por exemplo, os residentes de Mombasa dizem que os bandos locais se multiplicaram nos últimos anos para proteger os barões da heroína. Os traficantes de drogas contratam indiscriminadamente “peões” entre os desempregados nos bairros de lata de Mombasa. Quando as oportunidades de emprego caem – como após os períodos eleitorais, ou quando os barões da droga são aprisionados – estes “empreendedores violentos”, para usar um termo que parece apropriado, tornam-se predatórios e recorrem à extorsão e ao roubo na comunidade local.¹¹ Ao mesmo tempo e, no meio da impunidade generalizada das pessoas que organizam e lucram com o tráfico de drogas, o linchamento de consumidores de drogas por grupos de vigilantes contra o crime também se tornou comum.

Na África do Sul, o uso do nyaope e do unga também levou a um aumento do crime, com os viciados a financiarem o hábito recorrendo a assaltos, roubo de cabos elétricos de cobre e outras atividades criminosas.¹² Mais significativamente, no entanto, em áreas controladas por bandos, a violência registou aumentos enormes, relacionados tanto com um influxo de armas¹³ como com dramáticas guerras territoriais entre bandos. A taxa de homicídios na Cidade do Cabo disparou por volta de 2011 e só recentemente estabilizou – embora em níveis extremamente altos – tornando a cidade uma das mais violentas do mundo, a par com várias capitais latino-americanas.¹⁴

O comércio de heroína está portanto ligado, direta e indiretamente, a uma série de desenvolvimentos sérios na região da África Oriental e Austral. Estes incluem a sustentação de figuras e partidos políticos antidemocráticos, o papel do comércio na porosidade dos principais portos, os hotéis vazios e terras não ordenadas que servem como frentes para a lavagem de dinheiro das drogas, a disseminação do VIH e da hepatite C e a violência nas comunidades encurraladas em mercados consumidores de heroína.

Este resumo de políticas apresenta várias recomendações, cuidados e ideias sobre a melhor forma de responder ao comércio de heroína na África Austral

e Oriental.¹⁵ A integração regional do comércio de heroína suscita vários desafios críticos para as respostas da sociedade civil e das forças policiais. Há também, no entanto, importantes oportunidades de ação que têm de ser compreendidas agora.

Recomendações políticas

A sabedoria convencional sustentaria que a resposta imediata ao comércio de heroína deveria vir na forma de ação decisiva dos líderes políticos nacionais e de repressão pela lei. No entanto, é preciso estar ciente da dificuldade inerente de trabalhar com instituições governamentais que estão fortemente implicadas em atividades de crime organizado, a menos que haja uma façção interna motivadora para a mudança.

Da mesma forma, o fortalecimento da capacidade entre as forças policiais, onde há profunda corrupção sistémica, é muitas vezes fútil – e às vezes muito contraproducente. Tais compromissos, para serem bem-sucedidos, dependem geralmente da calendarização relacionada com as aberturas políticas. Tais aberturas poderão existir na África do Sul a médio prazo. As autoridades policiais da Tanzânia também têm vindo a exprimir, pelo menos de modo informal, o desejo de uma cooperação regional. No entanto, a posição dos seus líderes políticos não é clara. Mesmo nestes casos, tem de se aplicar advertências sobre o envolvimento com forças de segurança que se julga desprezarem os direitos humanos. A falta de sucesso de estratégias militarizadas do tipo “guerra às drogas” que foram aplicadas noutros contextos também tem de ser levada em conta. Por último, dada a integração da economia costeira, a interrupção e o inevitável deslocamento de redes criminosas num país só terá como efeito a sua transferência para lugares que não estão preparados para responder.

Embora estas perspetivas possam parecer sombrias, existe o argumento de que um ponto de partida melhor para enfrentar os desafios seria obter uma boa compreensão de onde o esforço provavelmente terá mais impacto e, em função disso, conceber programas que construam alianças poderosas, não apenas entre as principais elites e as forças policiais, mas também com figuras da sociedade civil.

Algumas recomendações sobre como abordar este assunto são discutidas neste resumo; tais recomendações estão categorizadas em três áreas:

- Assumir uma abordagem regional;
- Enfrentar as ligações entre a economia paralela e a política;
- Construir coligações para a mudança em torno de efeitos locais.

Assumir uma abordagem regional

Abordagem do desafio como um sistema criminoso regional

Um dos principais objetivos deste resumo é destacar a natureza transfronteiriça desta economia ilícita costeira e enfatizar a necessidade de pensar sobre as respostas de forma holística. Do ponto de vista do desenvolvimento, tal significa pensar nos fluxos ilícitos transnacionais como parte de um sistema regional integrado – um sistema com efeitos e impactos indiretos partilhados. Uma das descobertas deste estudo é que os países envolvidos neste sistema não pensam no desafio desta forma.

A alavancagem dentro da região, em prol da região, também será crucial

No entanto, o incentivo de uma abordagem regional dessa natureza devia ser um objetivo fundamental do financiamento ao desenvolvimento e dos programas de parcerias. Existem várias maneiras de apoiar essa mudança conceitual: financiar um único *think tank* regional ou grupos de pressão regionais, apoiar o estabelecimento de uma comissão costeira (semelhante a uma iniciativa atualmente em curso na África Ocidental) e aproveitar os contributos de todos os países afetados pelo desafio. O objetivo é criar uma panorâmica indicativa das rotas marítimas e terrestres da heroína na resposta dos estados costeiros do leste de África que se baseie nessas ligações e use a linguagem da solidariedade entre as partes e os países afetados. Neste sentido, os desenvolvimentos políticos na Tanzânia (e potencialmente, a médio prazo, também na África do Sul) podem fornecer novas aberturas para uma tal resposta regional mais ampla de combate ao tráfico.

A alavancagem dentro da região, em prol da região, também será crucial. Pelo menos dois dos governos desta região, Moçambique e Tanzânia, são altamente resistentes

à intervenção do Ocidente, especialmente em questões que se aproximam tanto da política e da segurança. E, dado que a cooperação regional é, em qualquer caso, necessária para abordar estes fluxos regionais, devem ser feitas tentativas para encorajar os esforços de cooperação entre os países da região. Por exemplo, a África do Sul exerce um forte poder político e económico na África Austral e, em menor medida, na África Oriental, e é também particularmente atingida pelos efeitos nocivos do comércio de heroína. A exposição destes efeitos na África do Sul e a facilitação do diálogo regional podem, por conseguinte, encorajar o governo sul-africano a exercer pressão sobre outros estados regionais para resolver a situação. Porém, para o conseguir, devem ser construídas redes que incluam atores do governo e da sociedade civil dos países da região.

Construir redes de policiamento regionais (costeiras)

Entrevistas conduzidas com representantes da lei em diferentes pontos da costa da África Oriental sugerem que as formas oficiais de cooperação regional são extremamente fracas. As autoridades sul-africanas, por exemplo, sugeriram que têm dificuldades em se envolver com os seus homólogos moçambicanos. Apesar dessas dificuldades – e do facto de a proteção política muitas vezes impedir respostas policiais efetivas ao crime organizado – continua a ser crucial a construção de redes de prática e solidariedade profissional em toda a região. Embora estas possam permanecer latentes em alguns casos, até que a mudança política permita uma ação efetiva, elas são um investimento importante para o futuro.

Construir a solidariedade regional entre intervenientes honestos também fornece uma fonte de proteção para as suas ações. Ao mesmo tempo, é ainda crucial garantir a construção de pontes entre a sociedade civil e os membros-chave da comunidade policial regional. Tal não significa comprometer os atores de ambos os lados da clivagem, mas reconhecer que a sociedade civil e os meios de comunicação social são cada vez mais um estímulo para a ação policial. Esta é uma tendência que provavelmente continuará.

Concentração nas áreas mais vulneráveis à instabilidade

Uma das conclusões que emergem claramente deste trabalho é a vulnerabilidade do norte de Moçambique.

Resumo indicativo das rotas de heroína marítimas e terrestres nos estados costeiros da África Oriental



Fonte: Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional, com base em entrevistas em toda a região, setembro de 2017

Aqui, e em grande parte fora do radar, desenvolveu-se uma significativa economia local de tráfico de drogas, facilitada pela corrupção e pela indiferença do governo. Neste contexto, há muito a ganhar na busca de maneiras de construir melhores relações e redes e de reunir mais informações sobre a economia política local, incluindo as suas conexões com os mercados ilícitos.

Muitas análises têm apontado para a falta de desenvolvimento como a causa do crime organizado, mas, de facto, passa-se o oposto

Muitas análises têm apontado para a falta de desenvolvimento como causa do crime organizado, mas, de facto, passa-se o oposto. As infraestruturas, como as estradas e os portos, constituem os meios físicos para mover e manusear mercadorias ilícitas (na ausência de regulamentação e policiamento eficazes). A esse respeito, o norte de Moçambique – com o seu potencial de crescimento económico derivado das reservas de petróleo e gás – é particularmente vulnerável. Com uma mudança no tráfico para o sul da Tanzânia, esta parte da região está a tornar-se cada vez mais um grande centro de atividade ilícita. É necessário tomar medidas preventivas, para que a área não se torne uma fonte mais ampla de instabilidade e uma plataforma regional para atividades criminosas. O problema ainda é administrável, mas é necessária uma ação antecipada. No nível mais básico, o primeiro passo seria aumentar o envolvimento com as comunidades locais e construir redes da sociedade civil mais fortes na região.

Identificar os núcleos e equilibrar as modificações entre os mesmos

A um nível mais geral, um programa à escala da região deve identificar pontos geográficos, ou núcleos-chave, nos quais nos devemos concentrar. Os núcleos são pontos de estrangulamento onde múltiplos fluxos ilícitos se fundem para sair ou entrar num território político, para serem processados (se isso envolve adulteração física ou a transformação de dinheiro vivo em transferências eletrónicas) ou transferidos de um modo de transporte para outro (por exemplo,

de mar para terra ou através da divisão de cargas de camiões em pacotes mais pequenos para o transporte subsequente).

Os centros cruciais nesta economia ilícita regional são Mombasa (Quénia), Nacala e Nampula (norte de Moçambique), City Deep (uma área de Joanesburgo) e o Porto da Cidade do Cabo.

Investimentos direcionados para tornar esses locais menos permeáveis a elementos criminosos podem dar frutos em várias áreas, diminuindo não apenas os fluxos de heroína, mas também o tráfico ilegal de vida selvagem ou outras mercadorias de recursos naturais. No entanto, essas intervenções não devem necessariamente assumir a forma de melhoramento do controlo estatal ou de aumento da eficiência do Estado, já que atores estatais proeminentes são frequentemente atores importantes no comércio ilegal, e o aperfeiçoamento do controlo e da tecnologia pode servir apenas para facilitar os seus negócios. Em vez disso, devem implicar formas criativas de empoderamento de atores lícitos interessados em portos “limpos” e em funcionamento. Formar alianças com agentes do setor privado escrutinados é uma possibilidade.

Enfrentar as ligações entre a economia paralela e a política

Tomar as rédeas do financiamento político partidário

O crescimento da economia ilícita em África, e particularmente ao longo da sua costa oriental, coincidiu com o estabelecimento de uma série de democracias frágeis. Talvez uma das conclusões mais surpreendentes deste estudo seja o grau em que as economias ilícitas e cinzentas têm sido uma fonte de financiamento político partidário nos vários países envolvidos na economia ilícita costeira. Tal financiamento é usado não apenas para campanhas eleitorais interpartidárias, mas também para posicionamento em movimentos políticos (intrapartidários). Os fundos ilícitos ou fundos cinzentos têm sido uma fonte de “dinheiro fácil” em vários lugares. Um resultado direto tem sido o alinhamento de interesses políticos (e de interesses da elite política) com a economia ilícita, incluindo o tráfico de drogas.

Nunca é demais enfatizar o impacto dessa economia oculta: entrevistado após entrevistado levantaram a questão direta ou indiretamente. Embora seja

necessário entender muito mais sobre as relações entre política partidária e comércio ilícito, os contornos do desafio são claros.

Uma das conclusões mais surpreendentes deste estudo é o grau em que as economias ilícitas e cinzentas têm sido uma fonte de financiamento político partidário

Tomar as rédeas do financiamento político partidário pode ser muito difícil, mas é de uma importância crucial para separar as atividades políticas lícitas da influência do submundo. Uma resposta precisaria de encorajar e sustentar um debate sobre o assunto e construir coligações da sociedade civil mais efetivas em cada país, e talvez até em toda a região.

Entender o nexó entre a política, os negócios e o crime

Vinculadas à questão do financiamento de partidos políticos, as abordagens de desenvolvimento atuais acumularam um grande volume de investigação que aponta para o valor das intervenções voltadas para o mercado – incluindo o empreendedorismo, a inovação e o papel do setor privado – na criação de empregos e na diminuição da pobreza. No entanto, não existe uma boa compreensão sobre o modo como o esforço para criar uma elite empresarial e privatizar empresas estatais facilitou o crescimento do crime organizado em África.

Na África Oriental, figuras que se movem entre as esferas dos negócios, da política e do crime destacam-se como fundamentais para nos ajudar a entender quais instituições facilitam os fluxos ilícitos. Compreender como estas se sustentam pode fornecer pistas úteis sobre como melhor isolar a governação das forças que promovem a corrupção no seu interior. A ação aqui deve incluir um envolvimento com atores comerciais legítimos, fornecer apoio ao jornalismo financeiro (sempre que o mercado não o faça) e expor esses atores “transversais” ao escrutínio externo.

Construir coligações para a mudança em torno de efeitos locais.

Compreender o impacto da heroína a nível local nas cidades costeiras

Em toda a região em análise, existem lacunas significativas nas informações estratégicas recolhidas sobre o uso de drogas. Sondagens exaustivas sobre utilizadores de drogas, preços de drogas e métodos de uso de drogas não só são necessárias para compor uma resposta adequada de saúde pública, como também fornecem uma plataforma poderosa para discussões nacionais sobre o papel do comércio de heroína na sociedade. Portanto, incentivar e apoiar estudos sobre o uso de drogas no seio dessas comunidades costeiras seria crucial para aumentar a consciencialização e alavancar a ação do governo.

A dinâmica atual no sentido de abordagens de redução de danos na região poderia ser um ponto de partida para a construção de uma resposta mais ampla da sociedade civil. Os ativistas da saúde e profissionais de saúde pública podem usar as suas redes para gerar um debate e desenvolver uma resposta que também inclua o contributo e o apoio das próprias pessoas que usam drogas.

Líderes comunitários como possíveis aliados

Este estudo revelou o grau em que, em muitos lugares, a economia ilícita cooptou líderes eleitos, em parte devido à necessidade de angariarem dinheiro para financiar os seus partidos políticos, mas, em toda a região, os autores interagiram com líderes religiosos e comunitários que expressaram a sua profunda preocupação com o impacto do uso de drogas, em particular, entre os jovens.¹⁶ A face humana do vício da heroína é frequentemente visível em muitos lugares, com utilizadores sujos e emaciados à vista de todos em várias cidades costeiras. O vício aumenta os níveis de crime locais e é perturbador para a vida familiar e social. As comunidades estão a tomar as suas próprias iniciativas com pouco apoio externo, incluindo a criação das chamadas “casas sóbrias” e a realização de campanhas antidrogas. O apoio (incluindo o apoio financeiro) para tais iniciativas, que criariam mensagens de solidariedade no seio das comunidades costeiras e levariam os líderes comunitários a focarem-se nas melhores práticas de outros lugares, seria uma resposta regional única e oportuna.

É importante inculcar a filosofia e as práticas de redução de danos nos esforços das comunidades contra as drogas numa fase inicial. Este é particularmente o caso nas iniciativas dirigidas por grupos religiosos locais, que, embora às vezes notavelmente esclarecidos, têm potencial para o abuso se não existir regulamentação ou orientação eficaz.

Reduzir a violência associada aos mercados ilícitos

Os níveis de violência associados a estes mercados costeiros variam consideravelmente. De qualquer modo, o foco na violência diretamente ligada às economias ilícitas fornecerá uma maneira de mitigar os impactos imediatos, em particular para as pessoas pobres e excluídas.

Os níveis de violência atingiram proporções extremas na Cidade do Cabo e tem havido poucas intervenções bem-sucedidas

Como indicado, talvez os níveis mais extremos de violência ligada a esta economia criminosa costeira ocorram agora no seu ponto mais a sul: a Cidade do Cabo. A violência, aqui, está ligada a desenvolvimentos muito mais ao norte e isso será cada vez mais o caso se o afluxo atual de traficantes tanzanianos se tornar uma característica mais estabelecida da economia local de drogas. Os níveis de violência atingiram proporções extremas na Cidade do Cabo e tem havido poucas intervenções bem-sucedidas. Existem numerosas opções de programação disponíveis, uma das quais seria a criação de solidariedade entre os líderes comunitários de cidades como Mombasa que lidam com questões semelhantes ao longo da costa. Um foco nos bandos do Cabo também é essencial para cortar as suas conexões com a economia regional mais geral e proteger os moradores mais pobres e marginalizados da cidade.

Promover a divulgação pública de informações sobre redes criminosas

Em conclusão, e mais criticamente, há a necessidade de um entendimento muito maior entre o público sobre a natureza e o impacto do crime organizado no

sul e no leste de África, e ainda mais sobre o modo de o identificar. Aqui, os jornalistas estão na linha de frente – expondo, através das suas investigações, as operações de grupos criminosos organizados e as suas conexões com a política. O trabalho da comunicação social desempenha um papel importante na educação do público sobre a face do crime organizado no seu país. Isso é fundamental, pois nem sempre é fácil distinguir entre corrupção e atividades comerciais legais. Infelizmente, o jornalismo investigativo é subfinanciado e os seus profissionais são muitas vezes mal protegidos das repercussões do seu trabalho altamente sensível.

A ação da comunicação social e da sociedade civil é quase sempre um catalisador para as investigações policiais

A ação da comunicação social e da sociedade civil é quase sempre um catalisador para as investigações policiais, ou mesmo, nos casos mais graves, para uma resposta política. Elevar o perfil das questões do crime organizado – em especial do seu impacto na prestação de serviços, no ambiente local, na instabilidade e nos níveis de violência – intensifica a sua presença no discurso público, por forma a que não possam ser ignoradas pelos atores políticos.

Conclusão

O crescimento do comércio de heroína ao longo da rota sul tem sido impulsionado, em parte, pelo crescimento da produção de ópio no Afeganistão nos últimos 16 anos. A estimativa mais recente para a área dedicada à produção de papoila foi de 328 mil hectares em 2017, um aumento de 63% em relação ao ano anterior. Esse crescimento impressionante da produção provavelmente aumentará ainda mais o fluxo de heroína ao longo de todas as rotas. É um lembrete, se tal fosse necessário, de quanto “unida” está a economia criminosa global.

E África não está imune. A heroína que passa pelos países da rota do sul não está apenas em trânsito. A economia criminosa costeira vem a desenvolver-se há cerca de três décadas através de alguns processos formativos de liberalização económica, globalização e mudanças e transições para a democracia

multipartidária. Como tal, tem sido moldada pela política em toda a região, ao mesmo tempo que também molda essa política. Mombasa mostra os perigos de negligenciar este fenómeno por mais tempo. Nesta cidade, os traficantes de drogas ficaram tão desembaraçados e livres de escrutínio que concorreram a cargos políticos – e venceram. Enquanto isso, em áreas de bairros de lata marginalizadas onde as taxas de consumo de heroína são altas e os moradores temem tanto os homens que providenciam segurança aos traficantes quanto o impacto do uso de heroína nas suas próprias famílias, as pessoas que consomem heroína são assassinadas por grupos de vigilantes. Outros lugares, em especial, na nossa avaliação, o norte de Moçambique, tornaram-se particularmente vulneráveis. A prevenção é muito melhor do que o remedeio.

Se os atores com uma visão progressista de como enfrentar o tráfico de heroína não conduzirem uma resposta, serão os atores com uma visão mais dura a fazê-lo. Numa reunião recente organizada pela Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional, representantes da sociedade civil, de órgãos governamentais e das autoridades policiais de toda a região expressaram opiniões firmes de que devem ser colocadas no centro da resposta abordagens que fortaleçam a democracia, os direitos das pessoas que consomem drogas e as necessidades das comunidades afetadas. Como sugerem as nossas recomendações aqui expostas, é o momento de reunir os atores ao longo da costa da África Oriental para começar a combater os impactos nocivos do comércio de heroína.

Notas

- 1 A. Cole, O tráfico de heroína no Oceano Índico: tendências e respostas, Galle Dialogue, 1-2 de dezembro de 2014.
- 2 Gabinete das Nações Unidas contra as Drogas e o Crime, Relatório Mundial sobre Drogas de 2015, Viena: UNODC, 2015, prefácio; UNODC, O tráfico de opiáceos afegãos através da rota do sul, Viena: UNODC, 2015.
- 3 J. Wright, Crime organizado transnacional na África Oriental: uma avaliação da ameaça, Viena: UNODC, 2013.
- 4 A heroína em trânsito nesta rota também é transportada para outros países, incluindo os mercados asiáticos e alguns estados insulares do Oceano Índico.
- 5 Foram contratados seis investigadores para realizar estudos a nível local entre julho e agosto de 2017. Uma equipa de especialistas externos visitou várias vilas e cidades nas mesmas áreas ao longo de três semanas em setembro de 2017, verificando e triangulando informações de fontes consultadas anteriormente e realizando novas entrevistas. Foram feitas, pela equipa de especialistas, várias viagens de ida e volta e chamadas telefónicas para avaliar o trabalho dos investigadores locais e acompanhar uma série de interlocutores. Além das entrevistas nos países centrais da análise – Quênia, Tanzânia, Moçambique e África do Sul – também foram realizadas algumas nas Seychelles e no Paquistão em outubro e novembro de 2017, para obter uma melhor compreensão das rotas para África, e quase 50 no Uganda, numa tentativa de compreender as ligações internas. Veja o nosso relatório completo para mais pormenores.
- 6 A economia daí resultante é evidente: no Paquistão, um grama de heroína custa aproximadamente 3 USD, e no Quênia, cerca de 20 USD, enquanto no Reino Unido custa 61 USD e na Dinamarca, 213 USD. Veja os preços dos narcóticos enumerados em Havoscope.com. Estes preços são de 16 de novembro de 2017.
- 7 UNODC, Relatório Mundial sobre Drogas de 2017, caderno 3, Viena: UNODC, 2017
- 8 Informações fornecidas pelos países em questão ao UNODC, de acordo com os requisitos de relato para os Questionários do Relatório Anual do Relatório Mundial sobre Drogas.
- 9 Vários países da África Oriental mostraram alguma liderança progressista nas suas respostas de saúde pública ao uso de drogas injetáveis. Tanto o Quênia como a Tanzânia (incluindo Zanzibar) colocaram a redução de danos no centro da sua resposta.
- 10 S. Larney *et al*, Cobertura global, regional e nacional de intervenções para prevenir e controlar o VIH e a hepatite C entre as pessoas que injetam drogas: uma análise sistemática, *The Lancet*, 5:12, 2017, e1208-e1220.
- 11 Este fenómeno foi observado pelos entrevistados com experiência direta de tais ataques na nossa reunião do grupo de especialistas em Nairobi a 13 de novembro de 2017. Veja também M. Schuberth, O impacto do narcotráfico nos agentes de segurança informais do Quênia, *Africa Spectrum*, 49: 3, 2014, 55-81.
- 12 O nyaope é um *cocktail* de várias drogas e outros ingredientes que se difundiu na África do Sul; o unga é uma droga altamente viciante à base de heroína.
- 13 Alegadamente, foram retiradas armas, de forma ilegal, dos arsenais da polícia no Cabo Ocidental e vendidas a gângsteres desde 2010. Veja C. Dolley, agente policial de Western Cape, traficante de armas preso após uma investigação profunda sobre armas de fogo, *News24*, 10 de outubro de 2017, <https://www.news24.com/SouthAfrica/News/western-cape-cop-gun-dealer-arrested-in-massive-firearms-probe-20171010>.
- 14 Os números mais recentes de homicídios para 2016/17 mostram 63 mortes por 100 000 cidadãos – contra 42 por 100 000 em 2009/10. O número na Cidade do Cabo é o dobro da média nacional. Estes dados são do Instituto para a Administração da Segurança e a Criminologia da Universidade da Cidade do Cabo. Baseiam-se em dados do Serviço de Polícia da África do Sul, mas, dado que os limites da cidade não coincidem com os da polícia, têm de ser recalculados.
- 15 E, na verdade, não só: muitos outros países ao longo da rota sul também são afetados por esta dinâmica.
- 16 Ao visitar um líder religioso, por exemplo, encontramos a sua sala de espera cheia de moradores em busca de apoio para os membros da família que se tornaram viciados em heroína barata.



Sobre os autores

Mark Shaw é diretor da Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional (GI TOC) e investigador visitante superior do Projeto Internacional sobre Políticas de Drogas da London School of Economics. Até recentemente, foi professor de Justiça e Segurança da National Research Foundation no Centro de Criminologia da Universidade da Cidade do Cabo, onde hoje é professor adjunto. Trabalhou formalmente em várias funções no Gabinete das Nações Unidas contra as Drogas e o Crime.

Peter Gastrow é conselheiro superior na GI TOC. Residente na Cidade do Cabo, exerceu advocacia no Supremo Tribunal e serviu como parlamentar e assessor do ministro da polícia sul-africano. O crime organizado tem sido o seu principal foco de investigação desde que se tornou diretor do Instituto de Estudos de Segurança da Cidade do Cabo e membro superior do Instituto Internacional da Paz em Nova Iorque.

Simone Haysom é analista superior da GI TOC e académica visitante do Departamento de Estudos Africanos da Universidade de Oxford. Já trabalhou como investigadora no Overseas Development Institute, em Londres, e passou vários anos a trabalhar como consultora em questões relacionadas com o deslocamento forçado, o desenvolvimento urbano, o crime organizado e o policiamento.

Sobre o ENACT

O ENACT cria conhecimento e competências para melhorar a resposta de África ao crime organizado transnacional. O ENACT analisa o modo como o crime organizado afeta a estabilidade, a governação, o Estado de direito e o desenvolvimento em África e trabalha para mitigar o seu impacto.

O ENACT é implementado pelo ISS e pela INTERPOL, em associação com a Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional.

Agradecimentos

O ENACT é financiado pela União Europeia (UE). Esta publicação foi produzida com a assistência da União Europeia.